

DEBATENDO LIVROS – UMA EXPERIÊNCIA DE SALA DE AULA PARA REDES SOCIAIS – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fabiola Pinto Pardini

Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil - UFN; bilafpp18@gmail.com;

Carolina Araujo Londero

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Franciscana-UFN, carolina.alondero@gmail.com;

Maria Luisa Suárez Gutiérrez Cella

Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil - UFN, malu_suarez@hotmail.com;

Katiele Hundertmarck

Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil - UFN; katielehun@gmail.com;

Martha Helena Teixeira de Souza

Professora orientadora: Dra, Universidade Franciscana - UFN, marthahts@gmail.com;

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever a experiência do grupo de leitura @debatendolivros, oriundo de ambiente acadêmico. Trata-se de um estudo descritivo em forma de relato de experiência ocorrido no período de julho a dezembro de 2020, de forma *on line* devido a pandemia Covid-19. O Grupo de leitura intitulado “Gênero, Sexualidade e Raça”, envolve vivências extra-classe em ambiente virtual, com profissionais egressas do Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil e graduandas dos cursos de Enfermagem e Medicina da Universidade Franciscana/UFN. O espaço de articulação e organização social

desse grupo expandiu-se através da rede social *Instagram*, pelo perfil “@debatendolivos”. Os conteúdos disponibilizados nessa plataforma digital compartilham sugestões de leituras, opiniões literárias, autoras novas e já consagradas, perpassando diversos gêneros e temáticas, além de incentivar a experiência literária e como forma de auto-conhecimento e empoderamento feminino.

Palavras-chave: Grupo de leitura, Empoderamento feminista, Mulheres na literatura.

Introdução

A disciplina de Gênero, Sexualidade e Raça, ofertada no programa de Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil, da Universidade Franciscana – UFN, proporciona um amplo debate das questões que envolvem a saúde das mulheres. A partir dessa disciplina, uma experiência afetou a todas as participantes, para além do que, até então, era o comum no ambiente educacional pré-pandemia: estudantes ouvintes e professores com a palavra. Para quebrar a tradição, experimentou-se formas mais acolhedoras de troca de experiências, escuta, acolhimento e resgate do papel do gênero feminino e tudo que o envolve no nosso cotidiano. Uma tentativa de experimentar a transgressão para uma educação como prática da liberdade (HOOKS, 2017).

Entre as diferentes vivências no ambiente acadêmico, surgiu a oportunidade de formalizar um grupo de leitura para o compartilhamento de conhecimentos com temática feminista, para as alunas interessadas. Dessa forma, resgatou-se uma tradição que remonta ao século XVII, conectado à grupos puritanos de estudos bíblicos, e aos salões parisienses do século XVIII (BOWDEN, 1930 apud SILVA XAVIER, 2018).

Em paralelo, a partir dos anos 2000, houve um incentivo na leitura com programas de acesso ao livro, a expansão de grandes redes de varejo pelas cidades brasileiras, o surgimento e a popularização do *ebook* e o novo modo de falar sobre literatura através das redes sociais como no *Youtube* (canal de vídeos), desmitificando assim, a aura elitista que pairava sobre o universo das letras.

Houve um tempo, não muito distante, em que as mulheres que ousavam quebrar o paradigma da vida doméstica, precisavam utilizar subterfúgios para publicarem seus escritos e apresentarem sua arte (seja na escultura, pintura ou desenho). É de conhecimento geral, que grandes obras literárias escritas por personalidades femininas, foram publicadas por pseudônimos, geralmente masculinos, como George Eliot, utilizado por Mary Ann Evans, ou com a autoria oculta, caso de Maria Firmina dos Reis em “Úrsula”, assinado originalmente como “uma maranhense”, ou ainda sob nome de parentes homens, como “Frankenstein”, de Mary Shelley, inicialmente creditado ao seu marido, o poeta Percy Shelley.

Buscando dar voz e valorizar a produção intelectual feminina, em grande parte marginalizado em nosso corpo social, optou-se por

seguir uma tendência mundial, desde o movimento idealizado pela ilustradora inglesa Joanna Walsh, com a *#readwonen2014* no *Twitter*, como forma de propagar a leitura de obras escritas por mulheres (ALVES, 2019; SILVA XAVIER, 2018).

O objetivo deste artigo é relatar as experiências de grupo de leitura “@debatendolivros”, oriundo do ambiente acadêmico. Por ocasião da Covid-19, este grupo ganhou forma na rede social *Instagram* como um perfil colaborativo, através de compartilhamento de livros, textos e opiniões literárias de obras escritas, majoritariamente, por mulheres. O grupo de leitura também tem o propósito de incentivar o auto-conhecimento e o empoderamento feminino por meio da experiência literária.

Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência, descritivo de abordagem qualitativa. As vivências teórico-práticas foram realizadas, inicialmente, como atividade de ensino na disciplina de “Gênero, Sexualidade e Raça” do Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil da Universidade Franciscana/UFN no segundo semestre de 2019, sob orientação da professora responsável pela disciplina. A experiência aqui relatada é referente ao período de julho a novembro de 2020, a qual ocorreu por meio do grupo de leituras via *instagram* @debatendolivros. Participam do grupo 14 egressas do Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil, cinco acadêmicas do curso de Enfermagem e três acadêmicas do curso de Medicina da Universidade Franciscana/UFN do município de Santa Maria/RS.

O perfil das participantes é predominantemente feminino, com curso superior na área da saúde e com pós-graduação completa. A faixa etária das participantes está entre 20 e 60 anos, sendo que a maioria é mãe, sendo mulheres cis gênero. Atualmente, com a divulgação do perfil em rede social, o grupo está aberto para novos componentes, independente do gênero identitário.

A escolha das leituras é realizada através de comum acordo entre as participantes da reunião mensal. Priorizam-se exemplares de fácil acesso, baixo custo financeiro, disponível para empréstimos em bibliotecas ou para a venda e com títulos não esgotados. Posteriormente, depois de acordado, o volume escolhido é disponibilizado no grupo de *WhatsApp* relativo ao assunto. Para cada encontro é gerado uma ata, postado no mesmo canal de comunicação.

Cada participante possui a senha de acesso do perfil *@debatendolivros* no *Instagram* para que possa efetuar as postagens de acordo com o andamento individual de leituras. As publicações não se concentram apenas nas obras escolhidas para a leitura conjunta. Há a autonomia de cada participante para compartilhar seus gostos subjetivos dentro do mundo literário.

Resultados e discussão

A discussão literária surgiu como uma das atividades pedagógicas propostas dentro da disciplina, na qual, como um primeiro exercício, cada uma das mestrandas deveria escolher um livro para ler e depois comentar em uma roda de conversa, em sala de aula. A experiência tornou-se um fator motivacional para a continuidade de leituras extrapolando o ambiente acadêmico. Mesmo as mais diferentes análises potencializaram o desejo de conhecimento do papel feminino na sociedade patriarcal, racista e machista em que vivemos para que, consigamos lutar pelo desejo de equidade de gênero em todas as esferas que estamos inseridas, seja no profissional, nas relações amorosas e de amizade, quanto também, na maternidade e na formação e fortalecimento das novas gerações através do ensino, pesquisa e escrita.

A experiência em sala de aula migrou para o ambiente virtual, após um período de adaptação ao “novo normal”, ou seja, a uma forma diferente e inédita de enfrentar o cotidiano confinado no espaço domiciliar, devido a pandemia de Covid-19 que assola todo o mundo e que nos obriga a manter o distanciamento social como fator protetivo de contágio. Os encontros retomaram em julho de 2020 e se estenderam, mensalmente, até novembro de 2020. Novas conferências on-line já estão agendadas para retomada em março de 2021, após um período de recesso.

A primeira obra discutida no grupo de leitura, em formato virtual, em julho de 2020, foi “Quarto de Despejo” da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, recém reconhecida com o título de Doutor Honoris Causa pela UFRJ.

Pode-se dividir a vida de Carolina Maria de Jesus em fases: do nascimento, em data imprecisa até a “descoberta” de seus escritos em 1958 pelo jornalista da Folha da Manhã, Audálio Dantas; de 1960, quando publicou com grande sucesso a obra “Quarto de Despejo”, em forma de diário e escrito com cadernos que achava no lixo, como catadora na favela do Canindé (onde, atualmente, localiza-se o Estádio

Oswaldo Teixeira Duarte, de propriedade da Associação Portuguesa de Desporto)¹, onde morava com os filhos, em situação de extrema pobreza até 1964, com o “apagamento” de sua obra pela ditadura militar; e, a partir de 1983, com o reaparecimento e novos estudos sobre sua figura e sua obra (MEIHY, 2010, p. 62; SILVA XAVIER, 2018, p.55).

Através da leitura de suas anotações em forma de diário, tomou-se contato com uma realidade amarga de miséria, violências, abandonos (bio-psico-social), racismo e invisibilidade que carregam os milhões de pessoas que vivem à margem da sociedade. Infelizmente, pouca coisa mudou entre a escrita da obra e o momento atual. Problematicar os marcadores sociais da diferença faz parte das leituras e enriquece o debate acerca das questões que posicionam algumas pessoas ao centro e outras, às margens.

Figura 01: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus.



Fonte: Instagram.

1 Site da Associação Portuguesa de Desporto. Disponível em: < <http://portuguesa.com.br/site/clube/historia/> >. Acesso em 01 de março de 2021.

O segundo livro, em agosto de 2020, foi “Profissões para mulheres e outros artigos feministas”, da escritora inglesa Virginia Woolf, sendo uma compilação de escritos para conferências e ensaios publicados em periódicos da época. No texto que dá nome à obra, a autora diversa sobre o exercício da literatura enquanto ofício remunerado praticados por mulheres, na Inglaterra do período entre-guerras mas ainda arraigada nas tradições vitorianas de comportamento do século passado. Para ser uma escritora ou para ter uma carreira e vida pública independente, para Virgínia, seria necessário, no primeiro momento, a ruptura com os princípios até então vigentes em que a vida das mulheres acontecia somente no âmbito doméstico, privado e sob tutela de uma figura masculina (SILVA XAVIER, 2018, p. 50). A autora denominou esse ideal vitoriano patriarcal como “anjo do lar” em alusão a um famoso poema de Coventry Patmore² (WOOLF, 2019, p. 11). Para ela, quebra de paradigmas seriam necessárias para que o novo caminho desejado fosse possível ser percorrido pelas mulheres, embora não seja de uma maneira sem percalços e com ecos do passado as assombrando.

Discutiu-se, por meio desta obra, o papel da mulher na sociedade, dos anos 20 aos dias atuais, em alusão à representação de gênero e das demandas feministas através dos tempos. Para Virgínia Woolf, as reivindicações estavam relacionadas à luta pela obtenção de direitos iguais aos dos homens, isto é, a equidade de garantias de acesso à educação, ao trabalho, à equivalência salarial e às prerrogativas sociais (CAVALCANTI, FRANCISCO, 2016, p. 42). Outras produções da autora foram lembradas no decorrer da reunião, como “Mrs. Dalloway” (1924), Orlando (1928) e “Um Quarto Todo seu” (1929).

2 Coventry Patmore (1823-1896), poeta e crítico literário vitoriano. Seu poema “Anjo do Lar - *The Angel in the House*” representava um retrato de vida marital que se tornou um ideal vitoriano de felicidade doméstica. O trabalho foi inspirado na primeira esposa de Patmore, Emily Augusta Andrews. Andrews era uma autora de histórias infantis e mãe de seis dos filhos de Patmore. Eles se casaram de 1847 até sua morte em 1860. Disponível em: < <https://www.poetryfoundation.org/poets/coventry-patmore> >. Acesso em 01 de março de 2021.

Figura 02: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “Profissões para mulheres e outros artigos feministas”, de Virginia Woolf.



Fonte: Instagram.

A terceira leitura, em setembro de 2020, foi “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis, editado em 1859, sob o pseudônimo de “Uma maranhense”. A obra pode ser definida como um romance trágico, do amor impossível de Úrsula, a protagonista branca, simples e inocente, e Tancredo, jovem branco e idealista. A estória se passa no século XIX, no triste período da escravidão africana no Brasil. Segundo Dalcol e Alós (2019, p. 04), a narrativa pretende recuperar esse momento histórico, fazendo esforço para interpretá-lo pela ótica dos sujeitos que foram escravizados, entre eles, a personagem de “Mãe Susana” ao rememorar seus dias idílicos na tribo africana onde passou a vida, juntos aos seus, até o momento da captura, se tornando escrava. Um dos trechos que mais foi discutido no encontro é o lamento da personagem ao contar sobre sua travessia oceânica, em um navio negreiro.

Úrsula pertence a uma literatura sentimentalizada, cujo foco repousa na ideia de que os/as subalternos/as – mulheres e escravos/as – por seus nobres sentimentos e capacidade de autossacrifício são o repositório da renovação social, capaz de superar os males da

sociedade escravista (STOKES, 2014, p.1-20 apud MACHADO, 2019, p.98).

Figura 03: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis.



Fonte: Instagram.

A quarta leitura, em outubro de 2020, foi “Meus desacontencimentos – a história da minha vida com as palavras”, da escritora e jornalista gaúcha Eliane Brum. Através do relato de vida da autora, rememoramos as vivências pessoais de cada uma. Sentimentos de saudade de uma época (nem) tão distante, de entes amados, de uma atmosfera interiorana vieram a toda a medida que a leitura se desenvolvia. Momento de intensa empatia entre as participantes da reunião por se enxergarem nas memórias da autora.

Na segunda parte do encontro virtual, aproveitando a proximidade do *Halloween*, traduzido como “Dia das Bruxas” e amplamente comemorado em terras brasileiras, conversamos a respeito de “bruxas” e seus significados no coletivo imaginário de nossa sociedade atual e sua relação de poder com o controle exercido pelo Estado e pela Igreja durante o final da Idade Média até o início da Período Moderno.

Figura 04: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras”, de Eliane Brum.



Fonte: Instagram.

A quarta leitura, em novembro de 2020, foi o conto “Papel de parede amarelo”, da escritora e ensaísta americana Charlotte Perkins Gilman, em 1892. As obras da autora passam por um momento de redescoberta dentro do movimento feminista. Hedges, no posfácio da edição da J.O. (GILMAN, 2016, p. 71-72), classifica a narrativa como uma pequena obra-prima da literatura, sobre a história do colapso mental de uma mulher, narrada com suprema precisão dramática e psicológica. Tiburi (GILMAN, 2016, p. 05-07), na apresentação da mesma publicação, acrescenta o importante papel da casa no decorrer da escrita, quase como uma personificação da opressão de desejos e da exclusão da vida pública que se esperava das mulheres até as recentes conquistas de direito pelo movimento feminista.

Figura 05: Publicação no perfil @debatendolivros sobre o livro “O papel de parede amarelo”, de Charlotte Perkins Gilman.



Fonte: *Instagram*.

O relato inquietante que acompanha-se no decorrer da leitura, em forma de diário, como a obra de Carolina Maria de Jesus, é baseada na vida da autora, em suas angústias e lutas perante um modelo feminino que imperava entre o século XIX até o final do século XX. A leitura subjetiva do texto fez com que enxergássemos o papel de parede amarelo que cada uma carrega consigo, ou através das amarras de criações regradas, rígidas e muitas vezes inflexíveis ou no desejo que a vida feminina ainda se encontre no microcosmo da casa, fazendo com que, a cada dia, possa-se resgar um pedaço com força e desejo de um novo papel na sociedade, com respeito e equidade de direitos.

Considerações finais

Com o objetivo de relatar a experiência do grupo de leitura @debatendolivros, criado a partir de uma disciplina do Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil da Universidade Franciscana, esse texto expõe, brevemente, a riqueza de troca de conhecimentos em curto espaço de tempo.

Ressalta-se que a interação entre diferentes níveis de ensino, como o Mestrado e a Graduação, se mostrou um momento de troca de conhecimento e aprendizagem, através das dinâmicas construídas de forma conjunta fortaleceram o ensino-aprendizado e o vínculo entre as participantes. De acordo com Freire (2001, p.259), o ensino não pode se deter apenas à transmissão do saber, e sim no diálogo amplo e dinâmico.

A continuidade das atividades já propostas para o ano de 2021 fortalece a ideia de que grupos de leitura favorecem a abertura de horizontes através de experiências diversas e na interpretação pessoal dos livros escolhidos pelas participantes.

Considera-se que este espaço, ao tempo que proporciona ler mulheres, acolhe, empodera, fortalece e organiza uma rede social das mulheres participantes do grupo. Ao ler, lemos a nós mesmas por meio das brilhantes escritoras e assim, vivenciamos novos momentos na perspectiva do adaptar-se, reconstruir-se e contar novas histórias.

Referências

ALVES, J. P. Entrando no bosque: #leiamulheres: entrevista com Juliana Cristina Salvatori. **Revista Crítica Cultural** – Mass Mídia: Democracia e Políticas da Cultura: v. 7, n. 1 (2019). Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauero/article/view/7351> >. Acesso em 03 de março de 2021.

BRUM, E. **Meus desacontentamentos** – a história da minha vida com as palavras. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

CAVALCANTI, R. A.; FRANCISCO, A. L. Virginia Woolf e as mulheres. **Revista Gênero**: v. 17, n. 1 (2016). Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31254/18343> >. Acesso em 02 de março de 2021.

DALCOL, M. S.; ALÓS, A. P. “O mundo da vida e o mundo do texto em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, e50550, 2019. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2019000100203&script=sci_arttext&tlng=pt >. Acesso em 02 de março de 2021.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores . **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 11 mar. 2021.

GILMAN, C. P. **O papel de parede amarelo**. São Paulo: José Olympio Editora, 2016.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, 2ª ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**. São Paulo: Editora Ática, 2019.

MACHADO, M. H. P. T. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 33, n. 96, p. 91-108, Ago. 2019. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000200091&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 02 de março de 2021.

MEIHY, J. C. S. B. Catadora de vidas. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: ano 5, nº 56, maio/2010.

REIS, M. F. dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Editora Taverna, 2019.

SILVA XAVIER, A. L. L. Literatura e feminismo: o Clube de Leitura Leia Mulheres Marília. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 48-61, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238-5894. berev.2018.151943. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/151943> >. Acesso em: 1 março de 2021.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.